

# Da seca ao guia de consumo: a representação de crianças na imprensa brasileira<sup>1</sup>

## De la sequía hacia al guión de consumo: la representación de los niños en la Prensa brasileña

Dulcilia Helena Schroeder BUTTONI<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho focaliza imagens de crianças publicadas na imprensa brasileira, tendo em vista seu caráter jornalístico. Após discussão sobre o conceito de infância, será traçado um pequeno histórico. Foi feita uma pesquisa iconográfica, abrangendo algumas imagens do século XIX, para se concentrar em jornais e revistas a partir de 1960. Seguindo uma linha predominantemente qualitativa, apontaremos algumas imagens de jornais diários; porém, o corpus principal pertence à revista *Veja*. A primeira grande divisão é entre fotos jornalísticas e fotos-ilustração; de acordo com a distinção de Pepe Baeza. Enquanto orientação temática, tragédia, violência e pobreza são eixos poderosos. A criança como “ator” jornalístico raramente aparece. Nos últimos vinte anos, seções tipo “Guia” trazem imagens meramente ilustrativas, de estética quase publicitária.

**Palavras-chave:** imagens de crianças, jornais brasileiros, revistas brasileiras, foto jornalística, foto-ilustração

**Resumen:** Este artículo centra su mirada en las imágenes de niños publicadas en la Prensa de Brasil, dado su carácter periodístico. Después de la análisis del concepto de infancia se presenta una breve historia del tema. Ha ocurrido una investigación iconográfica, cubriendo algu-

<sup>1</sup> Este texto é uma reelaboração de trabalho apresentado no GP Fotografia, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010. Foram acrescentados elementos de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura Visual, coordenado pela autora; bem como materiais do Projeto Produtividade em Pesquisa do CNPq, iniciado em 2012.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, email: dbuitoni@uol.com.br.

nas imágenes del siglo XIX hasta se centrar en los periódicos y magazines de los años 1960. A partir de una línea predominantemente cualitativa, presentaremos también imágenes de periódicos diarios pero el corpus principal esta ubicado en el magazine *Veja*. La primera gran división es entre el Fotoperiodismo y la Foto-ilustración, a partir del concepto de Pepe Baeza. Además, la tragedia, la violencia y la pobreza son los ejes norteadores desde el punto de vista temático. El niño como ‘actor’ periodístico aparece raramente. Hay que decir que, por ejemplo, en los últimos 20 años, secciones como ‘Guía’ presentan imágenes meramente ilustrativas, de carácter estético casi publicitario.

**Palabras clave:** imágenes de niños, periódicos brasileños, magazines brasileños, fotoperiodismo, foto-ilustración

### Criança e imprensa

Há muito tempo as visualidades frequentam nossas reflexões sobre mídia impressa; e a passagem para imagens cinematográficas, eletrônicas, digitais foi um caminho natural. O contexto histórico sempre esteve presente, integrado a considerações sociológicas e servindo de base para análises de sentido. As pesquisas foram se voltando mais e mais para o campo imagético, atitude reforçada pela adoção de teorias contemporâneas sobre imagem e cultura visual. Nos últimos tempos surgiu um ponto de inflexão: relacionar imagens de crianças e comunicação. Este trabalho focaliza especialmente representações de crianças em jornais e revistas.

O aparecimento da fotografia no século XIX, diretamente relacionado ao ambiente científico e industrial, trouxe a imediata utilização em finalidades documentais. O processo mecânico e químico conferia uma aura de verdade: fotografia para identificação policial, fotografia como apoio da ciência, fotografia para registrar a família humana. Muitos autores como Baudelaire (apud Dubois, 1994, p. 29), afirmavam que o novo processo era apenas um auxiliar para outras atividades e jamais poderia ser considerado como arte. Assim, desde o início, o fotográfico começou a ser diferenciado de outros modos de produção de imagens. No entanto, esse traço de verdade, somado às crescentes possibilidades técnicas, fez com que a imagem fotográfica fosse conquistando um espaço na imprensa já na segunda metade do século XIX.

A utilização do dispositivo fotográfico também está relacionada com a crescente urbanização na Europa e nos EUA. Apesar dos temas de paisagem, e da documentação fotográfica de pessoas, desde seus primórdios

a fotografia registrou cidades, monumentos e cenas da vida urbana. Com uma aceitação bastante rápida em todas as camadas sociais, a imagem técnica foi ganhando espaço no discurso público, sendo uma das características da modernidade.

O instrumento “câmera” é a primeira condição para que nosso olhar se sinta ativo, próximo da construção da verdade histórica, nos diz Margarita Ledo (1998:13), pesquisadora sobre o poder documental da fotografia. A confiança no aparato fotográfico é um dos vértices sobre os quais se construiu a tradição documental:

sem a câmera organizando a aparência do visível, segundo as regras espaço/temporais definidas pela cultura ocidental, não nos remeteríamos ao efeito verdade que esta estabelece com o referente, com aquilo que fotografa e que nos traslada como realidade convencional, como uma imagem com capacidade informativa e que poderá articular-se como peça-chave em qualquer trama fática. (LEDO, 1998:13)

Apesar de contestarmos a aceitação acrítica da imagem fotográfica como registro do real, e apontarmos o seu caráter de construção cultural, compartilhando da reflexão de autores como Arlindo Machado, Philippe Dubois, André Rouillé e a própria Margarita Ledo, trabalharemos aqui com os aspectos que salientam sua função documental. Margarita Ledo afirma que há um contrato de credibilidade que exige uma relação de identidade com a tecnologia e que comporta a experiência da mediação; estamos no mundo através de sua representação:

como componente midiático, a foto documental desenvolve uma ampla e sofisticada rede de notação dos fenômenos com variações em seu significado e em sua função, na qual intervêm categorias como o suporte, as formas do relato, o autor e o espectador. (LEDO, 1998:13)

Na sua concepção, a foto documental se integra às estruturas de comunicação; e o fotojornalismo é a configuração que mais êxito alcançou no campo documental. Os tempos contemporâneos e as respectivas transformações tecnológicas contribuíram para uma

certa desconfiança em relação ao caráter de verdade da fotografia. Mesmo assim, a capacidade de registrar o real ainda é forte argumento para sua presença nas diferentes mídias. No âmbito deste trabalho, não nos cabe aprofundar as relações da imagem fotográfica com o real, reflexão que foi tratada em outros textos, como o livro *Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem* (2011).

A guerra foi o primeiro grande tema do fotojornalismo ocidental. Pesquisadores como o português Jorge Pedro Souza (2004:33) e a francesa Marie-Loup Sougez (1991:160) colocam a cobertura da Guerra da Criméia feita por Robert Fenton, fotógrafo do *British Museum*, entre as primeiras realizações fotojornalísticas. Essas fotografias foram publicadas no *Illustrated London News* e no *Il Fotografo* de Milão em 1855, sob a forma de gravuras. A Guerra de Secessão nos EUA também teve imagens de vários fotógrafos, embora sob o ponto de vista dos exércitos do Norte. Várias fotos-choque já prenunciavam a força e o espaço que a tragédia, a violência e a dor teriam em jornais e revistas.

O conceito de infância, tal como o conhecemos hoje, é relativamente recente. Até o fim da Idade Média, o conceito de infância era bastante difuso. No Renascimento, com a revolução promovida pela palavra impressa, que trouxe a necessidade de alfabetização generalizada, surgem mais e mais escolas. A educação se desenvolve e o conhecimento é dividido por faixas etárias. O conhecimento devia ser adquirido progressivamente; há uma hierarquia de saberes. Assim, certos conhecimentos não eram para crianças; criaram-se noções de pudor e de limites. A partir do século XVI, um novo ambiente comunicacional estava se formando, em razão da disseminação da imprensa e da socialização da alfabetização. A definição da idade adulta começava a se basear na competência de leitura; e a infância se relacionava com a incompetência de leitura. Antes disso, a infância terminava aos sete anos, e a idade adulta se iniciava logo em seguida; não havia estágio intermediário.

No final da Idade Média e no Renascimento, as crianças eram representadas visualmente em murais e telas com motivos religiosos, geralmente como a Virgem Maria e seu filho, ou outras crianças citadas na Bíblia. A monarquia e a nobreza retratavam a família e seus filhos para a posteridade. Com o aparecimento da fotografia, classes menos abastadas passaram a documentar suas famílias. Agora, mais gerações podiam conservar a memória de seus antepassados e da evolução de um bebê até a idade adulta. Nesse âmbito privado há uma vasta produção, que é fonte para estudos históricos, sociológicos, antropológicos. No entanto, essa numerosa representação

da infância – talvez o período de vida mais fotografado em todas as épocas – não encontra muito espaço na imprensa.

Consideramos a infância como uma categoria social, que é colocada num jogo de relações sociais que se constituem historicamente com os adultos. Aliás, as imagens de criança na imprensa são produzidas exclusivamente por adultos. Segundo Eduardo S. Bustelo,

estamos imersos numa cultura em que se assume uma linearidade temporal começo-fim. Em tal eixo, a temporalidade é uma categoria seqüencial que pode ser fragmentada, mas na qual o final obtém uma prioridade absoluta. A metáfora de toda a narração tem princípio e fim, mas é o final que mantém a lógica de encadeamentos dos fatos e que resolve o sentido da narração. Em tal concepção, vivemos para morrer e a vida se impregna de conteúdo essencialmente pelo sentido da morte. O homem é um ser mortal, não é um ser natal. Paradoxalmente, o final como fechamento da vida tem mais relevância que o começo. Até trabalhamos para finalizar e não para começar. Em tal situação, não há nem sequer um começo, posto que parece que tudo começa pelo final. (BUSTELO, 2007, p.140)

Como o jornalismo tem forte vinculação com o acontecimento, a narração sempre tem um final como ponto de partida. Pela pouca importância política de uma criança, quase sempre existem fracas articulações com um acontecimento. Nesse sentido, as imagens da infância tendem a um caráter genérico. A infância representa começo e início – algo que se distancia do acontecimento como finalização de uma ação.

### **A criança vulnerável: primeira representação jornalística**

Mesmo quando não havia a possibilidade técnica da fotografia “instantânea” – todas as cenas precisavam de imobilidade durante minutos, o que acarretava necessariamente “a pose” no caso da figura humana, os fotógrafos buscavam imagens de sofrimento, violência. Assim, guerras e conflitos foram temas de registro. André Rouillé faz a distinção entre fotografia-documento e

fotografia-expressão. Ainda que não aceite a fotografia-documento como registro do real, o autor trabalha com o conceito de representação que inclui a intenção de ancoragem na realidade. Já a fotografia-expressão privilegia a experimentação da linguagem, aproximando-se mais do fazer artístico.

André Rouillé traz uma outra distinção que pode ser aplicada a este trabalho. No Ocidente, a partir dos anos 1930, a tradição da reportagem valorizava a fotografia que ele chama de “humanista”, representada por fotógrafos como Robert Doisneau e Henri Cartier-Bresson e mais recentemente por Sebastião Salgado. A “fotografia-humanista” foi dando lugar à “fotografia humanitária” que se dedica a documentar os excluídos da sociedade: os sem teto, os sem terra, os sem trabalho, as vítimas da fome e da droga.

Do humanismo ao humanitário, ocorreu uma verdadeira inversão do conteúdo das imagens. Aos temas humanistas de trabalho, de amor, de amizade, de solidariedade, de festa ou de infância, sucedeu o registro humanitário, a catástrofe, o sofrimento, a penúria, a doença. O povo dominava o universo humanista: muitas vezes explorado e necessitado, nas imagens estava sempre trabalhando, lutando, em ação ou repousando, ou seja, vivendo. O conjunto da imagem humanitária retém apenas os excluídos da sociedade de consumo, as vítimas debilitadas devido as suas disfunções, indivíduos entregues a seus sofrimentos, marginalizados socialmente, sem entorno nem meio.”(ROUILLÉ, A. 2009:146)

Encontramos uma imagem de criança que se enquadra nesse conceito de “fotografia humanitária”, mais do que de “fotografia-humanista”, embora nem sempre seja fácil operar as distinções. Essa imagem, que está entre as primeiras imagens jornalísticas da imprensa brasileira, tem como personagem principal crianças debilitadas pela seca recorrente no nordeste, já trazendo explícita a finalidade de denúncia.

O jornal *O Besouro* – folha ilustrada humorística e satírica –, tiragem de 5 mil exemplares, foi criado em 1878, no Rio de Janeiro, capital do império. Nele foram publicadas provavelmente as primeiras imagens jornalísticas utilizadas como denúncia na imprensa brasileira

(20 de julho de 1878): duas crianças, um menino e uma menina eram retratados. Nos anos de 1877 e 1878 houve uma grande seca que atingiu a maior parte dos estados nordestinos; essa seca foi considerada como a maior do século XIX. Os sertanejos retiravam-se em direção às capitais, que viam sua população aumentada; os fugitivos da seca viviam em péssimas condições nos arredores das cidades. Para denunciar essa situação, *O Besouro* reproduziu em sua primeira página duas fotografias de crianças vítimas da seca, por meio de uma ilustração litográfica de autoria de Bordallo, grande caricaturista português, que viveu alguns anos no Brasil e foi importante nome da nossa imprensa. A ilustração trazia uma mão de esqueleto humano segurando duas *cartes-de-visite*. O título era *Páginas tristes. Scenas e aspectos do Ceará. (Para S. Majestade, o Sr. Governo e os Srs. Fornecedores verem)*. O fotógrafo e pesquisador Joaquim Marçal Ferreira de Andrade localizou na Divisão de Iconografia da Biblioteca Nacional as duas fotografias que serviram de modelo para o desenhista. São duas *cartes-de-visite*, na imagem original a menina tinha alguns vestígios de roupa. No entanto, a caracterização foi bastante fiel às fotografias, de autoria do fotógrafo J. A. Corrêa, do Ceará.

Nadja Peregrino, grande estudiosa do fotojornalismo da revista *O Cruzeiro*, resume em palestra (2011) a importância dessa reportagem com imagens de crianças:

Em 1878, o semanário carioca *Besouro* publica uma comovente reportagem realizada por José do Patrocínio (1854-1905), brilhante jornalista e defensor ferrenho da abolição da escravatura, sobre a grande seca que assolou o Ceará, um estado situado na região Nordeste do Brasil. As ilustrações litográficas, produzidas a partir de 14 *cartes de visite*, causaram grande impacto entre os brasileiros que perceberam através das imagens contundentes a gravidade do problema da seca. O realismo fotográfico valeria mais do que mil palavras: crianças esqueléticas serviam como um emblema fiel do quadro da fome e da miséria da região nordestina com seu permanente ciclo das secas.

O fato de o autor dessa matéria emblemática ter sido uma figura do porte de José do Patrocínio reforça a característica de marco de representação fotojornalística, de imagem com finalidade documental e de denúncia.

Segundo Joaquim Marçal F. de Andrade (2004, p.197), a fotorreportagem no Rio de Janeiro iniciou-se em torno de tragédias como a Guerra do Paraguai, crimes urbanos e a seca do Ceará. Por uma condição ambiental, crianças foram personagens principais na representação fotográfica do jornalismo no século XIX.

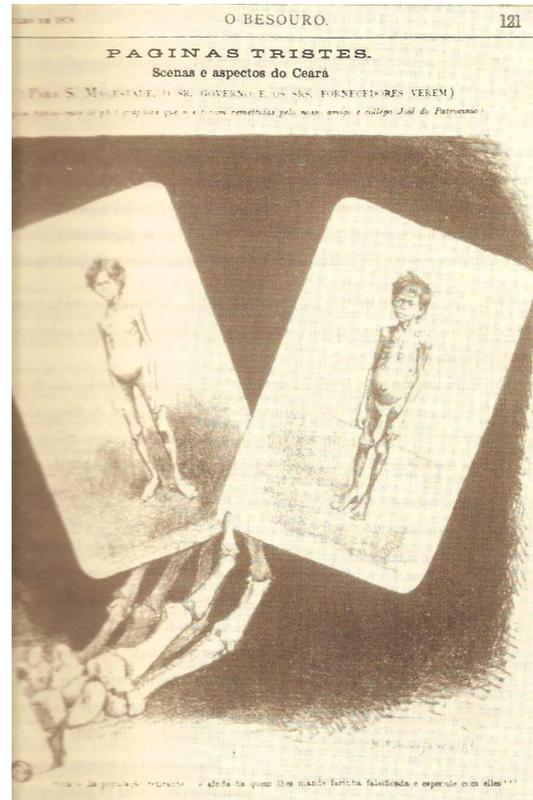


Fig. 1 Desenhos baseados em fotos. *O Besouro*, Rio de Janeiro, 1878 (Andrade:2004).



Fig. 2: Fotos – modelo de desenhos de *O Besouro* – Biblioteca Nacional (Andrade:2004).



Fig. 3: revista Veja, 6/5/1998.

Há um registro (Andrade, 2004, p. 230) de que a primeira fotografia em meio tom publicada na imprensa brasileira foi a do ministro Joaquim Francisco de Assis Brasil, enviado extraordinário a Portugal, na capa do periódico *A Cigarra*, em 23 de maio de 1895.

No século XX, com o avanço das técnicas fotográficas e das tecnologias de impressão, a fotografia difundiu-se em jornais e principalmente em revistas ilustradas. Fundada em 1900, no Rio de Janeiro, e durando mais de 30 anos, a *Revista da Semana* era a publicação que configurava o imaginário visual daquela época. Suas fotos registravam eventos sociais, cenas de rua, paisagens, um ou outro crime ou problema social. Crianças e adolescentes eram “complementos” de flagrantes em que os adultos sempre eram personagens principais. Não podemos esquecer que a categoria “adolescente” ainda não existia; da infância passava-se diretamente para a idade adulta.

A revista *O Cruzeiro*, iniciada em 1928, no Rio de Janeiro, implantou definitivamente uma consciência fotojornalística, com grandes reportagens a partir da década de 1940. Nos anos 1950, era a maior revista brasileira, com tiragens imensas. Cenas da vida urbana, celebridades, crimes famosos e um mapeamento visual das diferentes regiões do Brasil construíam uma imagem do país para os brasileiros.

Em 1952 foi lançada a revista *Manchete*, pela Editora Bloch, no Rio de Janeiro. *Manchete* dedicava grande espaço à fotografia; foi uma revista que acompanhou de perto a construção e a inauguração da nova capital do

Brasil, Brasília. Dava muito destaque a fotos de eventos políticos e de celebridades; crianças e adolescentes não apareciam muito.

Há uma reportagem emblemática publicada pela norte-americana *Life*, em 16 de junho de 1961, sobre a vida de uma família moradora de uma favela no Rio de Janeiro: *The “Favela” a Hillside of Filth and Pain*, com fotos de Gordon Parks e texto de José Gallo. A matéria focaliza o casal José e Nair da Silva e seus oito filhos, sendo que o maior, Flávio, de 12 anos, tomava conta de seus irmãos enquanto seus pais trabalhavam. Favela também é um cenário emblemático na imprensa brasileira até os dias de hoje.

Esporte é outro contexto que favorece a utilização de imagens de crianças. O *Jornal da Tarde*, pertencente ao grupo *O Estado de S. Paulo*, publicou em sua capa, em 1982, uma imensa foto de um garoto vestindo a camiseta da seleção brasileira, chorando porque seu país perdeu a Copa do Mundo de Futebol. Essa foto virou um símbolo do sentimento de tristeza que tomou conta da população. Mais uma vez, a criança foi usada como metáfora, não importando muito a sua identidade pessoal.



Fig. 4: Capa Jornal da Tarde, 1982.



Fig. 5: jornal Folha de S. Paulo, década de 1980.

O contraponto à simbolização positiva, apesar das lágrimas, do menino da Copa de 1982, é a foto publicada em jornal do menino de rua que está ao mesmo tempo fumando e usando chupeta. O menino pobre, em situação de risco, costumava aparecer de quando em quando em jornais do Rio e São Paulo, geralmente em matérias investigativas e não relacionadas ao noticiário imediato.

Susan Sontag, em seu ensaio *Diante da dor dos outros*, reflete sobre as representações contemporâneas da guerra e da desgraça. Ela argumenta que as imagens podem inspirar discórdia, fomentar a violência ou criar apatia. E pergunta quem é o alvo dessas fotos de choque. No caso de uma guerra, esse público incluiria não somente os simpatizantes de uma minúscula nação em luta pela vida, mas também aquelas pessoas preocupadas com alguma guerra torpe travada em outro país:

“As fotos são meio de tornar “real” (ou “mais real”) assuntos que as pessoas socialmente privilegiadas, ou simplesmente em segurança, talvez preferissem ignorar”. (SONTAG, 2003, p.12)

Em termos de provocar sentimentos de compaixão ou revolta, a inclusão de uma criança na foto quase sempre traz um reforço adicional. Por sua fraqueza e necessidade de proteção, uma criança ferida ou em estado de risco costuma pedir reação de quem vê a cena.

Os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* são dois dos mais importantes jornais nacionais do Brasil. *O Estado de S. Paulo*, fundado em 1885, foi durante muito tempo o maior jornal do Brasil. Nos anos 1980, começou a ser ultrapassado em circulação pela *Folha de S. Paulo*, que atualmente detém a maior tiragem (média de 350 mil exemplares, sendo que em 1995 atingia 620 mil

exemplares). Ambos os veículos apresentam uma representação semelhante das crianças.

Os dois jornais apresentam poucas fotos de crianças em suas editorias principais: Política, Economia, Geral. Crianças aparecem de vez em quando em algumas reportagens de Cidades ou Cotidiano. Encontramos fotos em algumas notícias e reportagens sobre o tema educação, quando meninos e meninas são naturalmente participantes do contexto escolar. Crianças são mais frequentes em suplementos específicos: *O Estado de S. Paulo* edita o *Estadinho*, suplemento dedicado ao público infantil; a *Folha de S. Paulo* apresenta a *Folbinha*. Mesmo nesses tablóides feitos para crianças, meninos e meninas aparecem mais como personagens ilustrativos dos temas e não como protagonistas. Também no Suplemento Feminino de *O Estado de S. Paulo*, as crianças figuram como coadjuvantes.

Um exemplo sintomático dos problemas da “identidade jornalística” das crianças é o tratamento dado a elas: muitas vezes aparecem apenas com o nome próprio, idade ou a identificação estudante, filho de fulano. Por ocasião da comemoração dos quinhentos anos do Brasil, no ano 2000, foram realizadas muitas matérias sobre nossa população indígena. Enquanto os habitantes das cidades eram identificados com nome e sobrenome, idade, profissão etc, os indígenas adultos e crianças apenas constavam como índio de tal etnia, quando muito. A identificação não era individual e sim pela qualificação genérica. Muitas matérias da *Folha de S. Paulo* não identificaram individualmente os indígenas.

### Veja: informação, documento e ilustração

Com uma proposta editorial inspirada nas revistas semanais norte-americanas como a *Time*, a revista *Veja* foi criada pela Editora Abril no final dos anos 1960, época de regime autoritário. A equipe de jornalistas reunia profissionais de diferentes áreas, como advogados, físicos, cientistas sociais; eles atenderam a um chamado da editora, participaram de um curso e em seguida começaram a escrever para a revista. Quase todas as matérias tinham um forte caráter investigativo. Seu primeiro número saiu a 11 de setembro de 1968, com uma capa estampando um desenho da foice e o martelo; o tema era a discussão sobre os rumos do comunismo. Nesses anos de regime militar, a questão política predominava. Nos primeiros anos, *Veja* foi sustentada pelas outras revistas da editora; ao longo dos anos consolidou-se como a mais importante revista semanal do Brasil e uma das maiores do mundo em circulação.

A revista dispunha de um corpo de fotógrafos que cobria as diferentes regiões do Brasil. A maioria das fotos era em preto e branco; mas já havia algumas fotos coloridas, geralmente para as matérias especiais. Mesmo seguindo o padrão das revistas de informação tipo *Time* e *Newsweek*, principalmente com fotos convencionais das personagens envolvidas nas matérias, *Veja* publicava páginas duplas com fotos ensaísticas. Fotos de crianças e adolescentes eram bastante raras. Ainda assim, duas capas trouxeram crianças:

Em 15/10/1969, o general candidato a presidente, Garrastazu Médici, aparece junto com o neto, que segura uma fâmula do Corinthians, um dos mais populares times de futebol do Brasil, talvez numa tentativa de amenizar a figura do militar. Apesar disso, deve-se ressaltar que a revista era bastante crítica do regime ditatorial. Um pouco depois, na edição de 5/12/1969, a capa com a chamada *O presidente não admite torturas* traz uma foto da estátua *A Justiça* na Praça dos Três Poderes, em Brasília, com uma criança sentada em seu colo, outra olhando e um adulto, possivelmente o pai. Nas duas imagens, a criança é utilizada numa função que tende ao simbólico (afeto, inocência), embora o neto do general tenha um cunho mais “jornalístico”.



Fig. 6: Capa revista *Veja*, 15/10/1969.

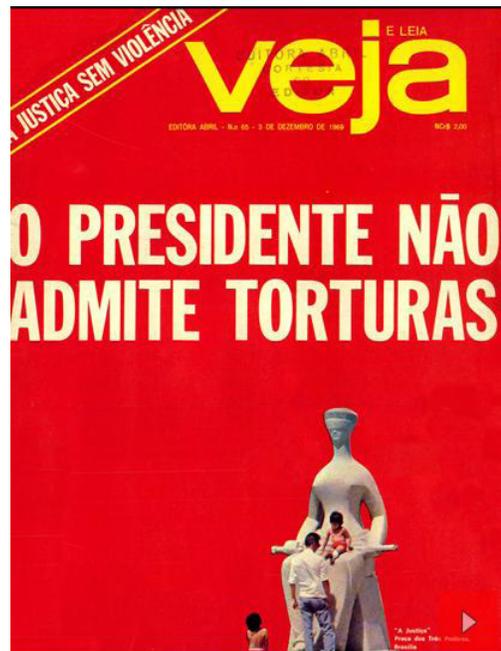


Fig. 7: Capa revista *Veja*, 5/12/1969.

Na sua década inicial, a revista *Veja* desenvolveu um trabalho fotojornalístico bastante consistente, com coberturas aprofundadas sobre temas da realidade brasileira. Aliás, a Editora Abril também publicava a revista *Realidade*, iniciada em 1966, que se tornou um marco no fotojornalismo brasileiro. Assim temos, em 17 de dezembro de 1969, uma reportagem especial sobre o Nordeste; as fotos documentais são de Clodomir Bezerra, com cenas de sertão e seca, alguma indústria sendo construída e duas fotos de família: uma com o fazendeiro rico, sua esposa e um filho, na varanda da casa de fazenda, outra do camponês com mulher e dois filhos numa casa de parede de barro.

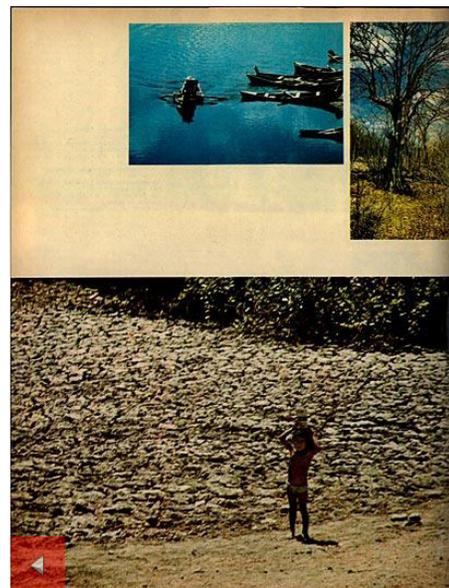


Fig. 8: Reportagem revista *Veja*, 17/12/1969.



Dito mundo: o senhor do Engenho Várzea Grande (Pernambuco), sua mulher, filho, casa com luz elétrica, água encanada, nove quartos, cinco salas, uma galeria para as revistas das escravas. É um campeão do Engenho Várzea Grande com sua mulher, dois filhos, casa de dois cômodos, chão de terra batida, paredes de barro cozido

Fig. 9: Idem.

Mas a grande maioria das fotos de crianças são de caráter ilustrativo. Enumeramos a seguir algumas matérias que utilizam a representação predominantemente ilustrativa:

- 25/02/1970, matéria sobre as mudanças familiares e a revolução sexual, entre outras, traz a foto da atriz Fernanda Montenegro com os dois filhos. No caso, existe a atração da celebridade da mãe, atriz famosa.
- 03/03/1971, matéria de Educação, fotos de criança em fila, sem legenda, e fotos de sala de aula ao ar livre, com legenda.
- 04/08/1971, matéria sobre lanchonetes, oito fotos (cor) de jovens, adultos e crianças.
- 05/01-1972, matéria sobre supermercado, foto de crianças em praça de alimentação (p. 48-54).
- 08/03/1972, sobre a vida do futebolista Mané Garrincha, fotos das filhas (p. 53).
- 26/04/1972, foto de colegas de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (p. 24) e crianças pintam muros (p. 49).
- 10/05/1972, matéria sobre dunas, menino com coco (p. 47).
- 21/06/1972, morte de Leila Diniz em acidente de avião, foto com filha bebê (p. 22). Fator celebridade Leila Diniz, jovem atriz famosa e polêmica.



Com a filha, Jenaina: "Eu chorei muito por ela. Agora, estou amando o mundo"

## Falta uma certa Leila Diniz

Fig. 10: revista Veja, 21/6/1972.

- 26/08/1987, matéria "A república da Rocinha" – enfrenta a polícia com paus e pedras (p. 38). *Foto jornalística* de crianças e adolescentes descendo a rua da favela. Na seção Gente, filhos de Lady Di; e alunos com professora (p. 90-91).

- 10/08/1994, a grande onda da geração dos shoppings – jovens influenciam consumo dos pais, (p. 66-69). Filha de dois anos com mãe doente, matéria sobre morte digna (p. 82-83). Crianças com Kinder Ovo, produto de chocolate (p. 96).

- 17/8/1994, Crianças em escolinha bilingüe (p. 88).

Algumas matérias trazem crianças individualizadas, mas que às vezes nem são identificadas por nomes; algumas, por serem infratoras, têm seus rostos cobertos:

- 24/08/1994, matéria de Saúde, "Elas nunca param", sobre crianças hiperativas. Foto do menino Ícaro, 7 anos. Fotos de Franklin, Einstein, Churchill e Collor. "O inferno por dentro", sobre meninos infratores, crack (p. 60-69). Adolescente de 17 anos com os olhos cobertos com recurso gráfico, *foto jornalística*. Em seguida a essa matéria, página dupla de anúncio da Benetton, com uma criança negra, uma loira e uma oriental (p. 64-65).

- 10/08/1994, foto do menino Meleca (ia fazer 16 anos), com a mão cobrindo os olhos, que assassinou economista (p. 33).

- 17/08/1994, capa com fotos de um menino com cerca de um ano, de álbum de família, para chamar atenção sobre a infância dos candidatos a presidente do Brasil.

- 21/09/1994, Gente. Foto de Milene Domingues com 15 anos, fazia 1080 embaixadinhas (p. 92).

- 05/10/1994, foto de dois jovens que foram atropelados em São Paulo pela comitiva de Michael Jackson (p. 97). Turismo, crianças em intercâmbio, (seção Vida moderna, p. 102).

- 12/10/1994, Fernando Henrique, presidente eleito, foto com netos e filha (p. 32). Lula aos pés de uma grande árvore com crianças nos galhos (foto de Antônio Milena, p. 64-65).

- 07/06/1995, *foto jornalística* de menino soterrado em um deslizamento de morro no Rio de Janeiro (p. 42-43).

- 03/04/1996, (Internacional), “Nossa gente lá fora”, sobre imigrantes brasileiros; fotos de casais com filhos (p. 26-29).

- 27/08/2003, Economia e negócios, matéria sobre educação no Brasil, comparando com Gana e Coréia (p. 104-107).

- 09/11/2005, “Morte mais humana”, capa da mulher com câncer. Na respectiva reportagem, foto com criança (p. 98).

Uma das únicas matérias em que a criança é personagem protagonista é a reportagem da sobre um menino – José Geraldo Leite – vidente, de Muriaé (MG). *Foto jornalística* (edição de 5 de janeiro de 1972, p. 23).



Fig. 11: revista Veja, foto jornalística, 5/1/1972.

Em 01/03/1972, uma tragédia, o incêndio do edifício Andraus, na cidade de São Paulo, traz uma representação emblemática, com uma foto de Cristiano Mascaro, que se tornou famosa, do bombeiro negro correndo e segurando uma criança (p. 12-24). Em 26/04/1995, na capa, foto semelhante, comprada de agência, de um bombeiro americano carregando bebê vítima do atentado de Oklahoma (p. 48-51).



Fig. 12: revista Veja, 1/3/1972.



Fig. 13: Capa revista Veja, 26/4/1995.

Nos primeiros vinte anos, *Veja* publicava alguns ensaios em cor, sendo que a maioria das fotos eram em preto e branco. Nos anos 1990, quase todas as fotos da revista já coloridas.

Em 10/08/1994, a revista noticiou na seção *Datas* (p. 102) o suicídio de Kevin Carter, 33 anos, fotógrafo que havia registrado a cena dramática do menino negro morrendo com abutre ao lado, imagem que correu o mundo.



Fig. 14: revista *Veja*, reprodução de foto de Kevin Carter, 10/8/1994.

Os ensaios fotográficos das décadas de 1960 e 1970 foram se tornando menos frequentes. Uma cobertura notável sobre o Movimento dos Sem-Terra foi publicada em 21/09/1994: “Essa brava gente brasileira” (p. 66-76), onde vemos fotos de menino tomando banho (p. 67), vida cotidiana (p. 70-71), crianças à mesa (p. 74-75) e crianças na escola (p. 76).

## Da seca ao guia de consumo

Fotografias de caráter humanista, fotografia de caráter humanitário, fotografias de caráter quase publicitário mostram as diferentes representações da criança na mídia impressa brasileira. Após considerações sobre o conceito de infância e sobre as características documentais das fotos jornalísticas, buscamos as primeiras imagens de crianças na imprensa brasileira, para depois nos concentrarmos a respeito da transformação das tendências praticadas pela revista *Veja*.

Crianças e adolescentes em geral não são atores políticos, por causa de suas atividades, quase sempre não envolvendo a esfera pública. Nos jornais diários, costumam aparecer nos suplementos femininos, suplementos infantis e mais recentemente nos suplementos dedicados aos jovens.

Pepe Baeza divide as fotos publicadas em jornais e revistas em dois grandes tipos: foto jornalística propriamente dita, relacionada a notícias e reportagens, e foto-ilustração, que tem como finalidade a melhor compreensão de um objeto, de um fato, de uma idéia. Quase todas as imagens de crianças e adolescentes encontradas nessas publicações podem ser classificadas como foto-ilustração. Ou melhor, se pensarmos numa linha de graduação, o sentido das imagens se dirige principalmente a uma tendência ilustrativa; isso quer dizer que elas são fracamente jornalísticas.

Existem núcleos temáticos que reúnem a maioria das fotos de crianças e adolescentes. São eles: a) família, combinada com cenas cotidianas e/ou com pobreza; b) educação; c) violência, quase sempre associada à não observância dos direitos das crianças e adolescentes; no entanto, aparecem também crianças e adolescentes infratores.

Tragédias, acidentes e catástrofes trazem cenas de atualidade imediata, carregando implicitamente o teor documental. Problemas sociais duradouros são motivo para reportagens investigativas e analíticas.

É possível também incluir na categoria de fotos documentais, reportagens que têm um caráter de ensaio. Na revista *Veja*, essas fotos documentais que traziam crianças e/ou adolescentes aparecem principalmente nos anos 1960 e 1970. Nas outras décadas, esses ensaios foram menos frequentes. Como já citado, encontramos em 1994 uma matéria especial sobre o Movimento dos Sem Terra (MST).

Na década de 1990, *Veja* começou a incluir seções não exatamente jornalísticas, abrangendo temáticas que se afastavam das editoriais tradicionais: política, economia, Brasil. O espaço dedicado a reportagens sobre comportamento, vida moderna, consumo, inovações tecnológicas aumentou. Essa tendência tem a ver com o grande contingente de público feminino da revista: era preciso trazer matérias que pudessem interessar mais diretamente às mulheres. Assim, surgiu a seção *Guia*, que se configura como jornalismo de serviços, trazendo muitas informações para facilitar a rotina cotidiana dos leitores. Matérias sobre cuidado com filhos, sobre escolas, opções de esporte e lazer são frequentes. E aí as crianças surgem como “figurantes”, para compor a cena imaginada. Os adultos também são figurantes; é possível dizer que se trata de uma estética muito próxima à estética publicitária. São personagens; quase nunca têm nomes e qualificações. São fotos meramente “ilustrativas”. Grande parte dessas imagens são recortadas; não apresentam

fundo, não é possível identificar o contexto espacial em torno. São imagens próximas a um catálogo. Mesmo que fotografadas especialmente, parecem vir de bancos de imagens, não conservando nenhum traço jornalístico.



Fig. 15: revista Veja, Seção Guia, 01/03/2000

A criança como protagonista é invisível. Alguns jornais estrangeiros, como a *Gazeta Wyborcza*, da Polônia, em 2002, já fizeram experimentos com a publicação de fotos feitas pelas próprias crianças, sobre suas casas e famílias: assim, o olhar infantil ganhou um espaço na imprensa “adulta”. No Brasil, algumas organizações não-governamentais promovem oficinas de fotografias com crianças e adolescentes, no sentido que eles construam sua auto-representação. Porém, esses trabalhos, muitas vezes de grande riqueza expressiva, não encontram divulgação na grande mídia.

A criança ainda está sub-representada na mídia impressa brasileira; a soberania do consumo deixa pouco espaço para a diversidade social e cultural e para a amostragem de problemas e conquistas.

**Referências bibliográficas:**

ALENCAR, Marco Túlio. *Infância na mídia*: uma pesquisa. Brasília: ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância. Instituto Ayrton Senna, 2000.

ANDRADE, Joaquim Marçal F. de. *História da fotoreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BAEZA, Pepe. *Por una función crítica de la fotografía de prensa*. Barcelona: G. Gili, 2001.

BAPTISTA, Íria C. Q. e ABREU, K. C. K. *A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial*. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2010. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/>. Acesso em 10/02/2013.

BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, R. *A mensagem fotográfica*. In: O óbvio e obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BUTTONI, Dulcília H. S. *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem*. São Paulo: Saraiva, 2011.

\_\_\_\_\_. *Fotografia e jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real*. Revista Líbero. Ano X – nº 20 – Dezembro de 2007. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2007.

\_\_\_\_\_. *Índice ou catálogo: o deslizamento imagético das*



Fig. 16: revista Veja, Seção Guia, 03/02/1999

Do mesmo jeito, crianças ou adolescentes na capa geralmente são parte de fotos “produzidas”, que visam expor um certo conceito. Por exemplo, a capa de 31/10/1990, com a chamada: *Feras radicais: O que pensa e o que quer o adolescente brasileiro*. Os adolescentes retratados são “genéricos” e remetem à faixa etária e não aos indivíduos.

A representação fotográfica das crianças brasileiras oscila entre a favela, o menino e a menina em situação de risco, a criança atingida pela seca do nordeste e os escolares ou pequenos consumidores da classe média.

fotos da revista Veja. Revista Líbero. Ano IX – nº 18 – Dezembro de 2006. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2006.

Recebido: 15/04/2013

Aprovado: 20/05/2013

BUSTELO, Eduardo S. *El recreo de la infancia*: argumentos para otro comienzo. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

CATALÀ DOMENÈCH, Josep M. *A forma do real*: introdução aos estudos visuais. São Paulo: Summus, 2011.

CATALÀ, Josep M. *La imagen compleja*: la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona; Servei de Publicacions, 2005.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

FELICI, Javier Marzal. *Cómo se lee una fotografía*: interpretaciones de la mirada. Madrid: Cátedra, 2009.

LEDO, Margarita. *Documentalismo fotográfico*. Madrid: Cátedra, 1998.

LISSOVSKY, Mauricio. *A máquina de esperar*: origem e estética da fotografia moderna. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular*: introdução à fotografia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

PANZER, Mary. *Las cosas tal como son*. El fotoperiodismo en contexto desde 1955. Barcelona: Blume, 2006.

PEREGRINO, Nadja F. *A revista O Cruzeiro*: a revolução da fotorreportagem. Palestra, autorização para uso, Rio de Janeiro, em 1 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.ateliedaimagem.com.br/sistema/Arquitetura/ArquivosBiblioteca/48.pdf>. Acesso em fevereiro de 2013.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre o documento e a arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TAVARES, Frederico de M. B. e SCHWAAB, Reges (orgs.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.